

# O LEVANTE ZAPATISTA E A CRÍTICA À DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

Hermes Rodrigues de Lima (UFAL)<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho tem o objetivo de debater a contribuição do movimento zapatista no contexto de sua insurgência em 1994. Nasce de guerrilhas anteriores, de orientação marxista-leninista, em Chiapas, estado onde eclodiu a revolta, com comunidades onde, já há algum tempo, atuavam organizações maoístas e da teologia da libertação. Além disso, os zapatistas nunca deixaram de fazer em seus textos, cartas e demais publicações, menções as suas crenças tradicionais. Desse caldeirão teórico começam a pipocar comunicados endereçados a toda a sociedade civil mexicana fazendo críticas à “democracia” mexicana. Em específico a farsa eleitoral, denunciada dezenas de vezes, até mesmo por observadores internacionais. Mais do que fazer a crítica os zapatistas lançaram uma nova proposta para alterar a ordem vigente. Ao verem a via eleitoral esgotada, após apoiarem o candidato derrotado Cuahmotec Cárdenas, optam por construir novas instâncias onde o povo poderia ter voz de fato. Nasce daí a Convenção Nacional Democrática, posteriormente, Frente Nacional de Libertação Nacional e em 2006, a *Otra Campaña*. O movimento zapatista irá também reivindicar fortemente o direito à autonomia. A autodeterminação dos zapatistas como povos originários, mas que também tem em suas fileiras camponeses, educação, justiça, saúde e outros aspectos da vida política e social independentes do Estado mexicano são aspectos importantes dessa pauta. Será discutido também que democracia estava em vigor por ocasião do levante em 1994 e o projeto de democracia pensando pelos zapatistas a ser proposto ao povo mexicano. Por fim, espera-se que este trabalho sirva para enriquecer o debate em torno nas experiências democráticas latino-americanas, bem como discutir formas de enfretamento dos regimes autoritários.

**Palavras-chave:** Zapatismo, EZLN, democracia, autonomia

## Abstract

This work has the objective of discussing the contribution of the Zapatista movement in the context of its insurgency in 1994. It was born of former guerrillas, with a Marxist-Leninist orientation, in Chiapas, a state where the rebellion broke out and there were communities where Maoist and liberation theology. Moreover, the Zapatistas have never ceased to make their traditional beliefs in their texts, letters, and other publications. This theoretical caldron begins to populate communications addressed to all the Mexican civil society criticizing Mexican "democracy". In particular, the electoral farce, denounced dozens of times, even by international observers. More than criticizing the Zapatistas, they have launched a new proposal to change the current order. When they see the electoral route exhausted, after supporting the candidate defeated Cuahmotec Cárdenas, they choose to construct new instances where the people could have voice of fact. The National Democratic Convention was born, later, National Front of National Liberation and in 2006, to Another Campaign. The Zapatista movement will also strongly vindicate the right to autonomy. The self-determination of the Zapatistas as original peoples, but also in their peasant ranks, education, justice, health and another aspects of political and social life be of Mexican State are important point on this schedule. It'll discussed that democracy was in force at the time of the uprising in 1994 and the project of democracy thought

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

by the Zapatistas to be proposed to the Mexican people. Finally, it is hope that this work will serve to enrich the debate around Latin American democratic experiences, as well as to discuss ways of overcoming authoritarian regimes.

**Key words:** Zapatism, EZLN, democracy, autonomy

## **INTRODUÇÃO**

O EZLN é considerado o herdeiro das “Forças de Libertação Nacional” (FLN), movimento armado marxista-leninista baseado em Chiapas que pretendia organizar núcleos revolucionários em todos os estados do país e preparar-se para o momento mais oportuno à revolução (BRANCALEONE, p. 3, 2009). Para tanto, um pequeno grupo de guerrilheiros instalou-se no interior da selva Lacandona, Chiapas, para iniciar ali suas operações, em 1983.

A incorporação de indígenas com um histórico de luta, alguns envolvidos anteriormente em organizações comunitárias fundadas e apoiadas por ativistas maoístas e catequistas da teologia da libertação, que foram para a região nos anos 1960 e 1970, influenciou as concepções, a tática e a estratégia de revolução do EZLN, dialogando com o materialismo histórico, o cristianismo popular e a cosmologia maia (BRANCALEONE, p. 3, 2009).

O Exército Zapatista de Libertação Nacional, EZLN, é uma organização guerrilheira que atua no estado de Chiapas, México. Recebeu notoriedade nacional e internacional no dia 1º de janeiro de 1994, quando tomou nove municípios, ocupando prédios públicos e divulgando por todos os meios a Primeira Declaração de Selva Lacandona, que explicita as motivações e as reivindicações da população chiapaneca. A opção pela luta armada foi tomada posteriormente a uma consulta promovida em todas as comunidades indígenas e camponesas sob influência do movimento zapatista, estabelecendo desde a origem relações políticas horizontalizadas nas práticas do movimento.

### **1. O LEVANTE CONTRA O ESTADO MEXICANO**

Como foi dito recorrentemente em todas as declarações posteriores a Primeira Declaração de Selva Lacandona, as vias pacíficas para reivindicação de direitos básicos negligenciados pelo Estado mexicano àquela população, foram esgotadas. Desde o ano de 1929, o Partido Revolucionário Institucional, PRI, monopolizava a vida política no país. O EZLN, diferentemente de outras guerrilhas latino-americanas não almejava tomar o poder, mas sim construir uma nova ordem social e política no México. Como caso semelhante de luta armada podemos citar a

Organización Popular Revolucionaria 33 Orientales (OPR 33), braço armado da Federação Anarquista Uruguaia.

Sob o lema de Liberdade, Justiça e Democracia, o EZLN seguia uma linha política própria, diferente da orientação marxista-leninista de guerrilhas anteriores. No caso do México, as Forças Armadas de Libertação Nacional são o grupo considerado como a “semente” do EZLN. Formado em 1969 foi derrotado pelo exército em 1974.

Inicialmente, o EZLN tomou posição favorável à oposição de esquerda para tentar tirar o PRI do poder ainda pela via das urnas, pois afirmavam que o México não vivia uma democracia real, acreditando que através das eleições se poderia obter uma transição para uma nova situação, democracia verdadeira. Os zapatistas declararam apoio ao candidato de oposição Cuahmotec Cárdenas, como dito em discurso do subcomandante Marcos:

El Comité Clandestino ya ha saludado, esta mañana, la presencia del señor Cárdenas y personas que lo acompañan. [...] Muchas fuerzas apoyan la candidatura del señor Cárdenas Solórzano para la presidencia de México, pero no serán éstas las definitivas para el tránsito a la democracia, tampoco lo seremos nosotros, los zapatistas, la fuerza en que se llegue al cambio democratizador. La única fuerza capaz de llevar a cabo el tríptico libertad, democracia y justicia, y de cambiar el mundo entero, es la fuerza del pueblo, la de los sin partido ni organización, la de los sin voz y sin rostro. Quien gane con verdad esta fuerza, será invencible. (Discurso do Subcomandante Marcos durante a visita de Cuauhtémoc Cárdenas, 17 de maio de 1994)

Em todas as eleições que venceu, o PRI foi acusado de fraude eleitoral e como noticiado na edição de 24 de agosto de 1994 do Jornal do Brasil, um grupo de 80 observadores internacionais redigiu um documento onde apontaram o uso da máquina estatal, favorecimento midiático e disparidade financeira entre o PRI e os seus concorrentes como irregularidades que permitiram Ernesto Zedillo vencer a eleição naquele ano levando o PRI a completar 70 anos no poder. Além disso, foi noticiado no mesmo jornal que em todo o país foram denunciadas fraudes.

### **1.1. Uma nova proposta de democracia**

Como afirmado na Terceira Declaração (janeiro de 1995), o EZLN interpretou o resultado da eleição de 21 de agosto de 1994 como o fim de qualquer esperança de mudança baseada no sistema eleitoral, que serviu até aquele momento para legitimar o autoritarismo do PRI. A

descrença na democracia representativa é um fenômeno que ultrapassa fronteiras e há muito tem revelado uma lacuna na política. Essa indiferença dos cidadãos pode ser atribuída à transformação da política de gestão da coisa pública em balcão de negócios, a apropriação do público para satisfazer interesses privados. Como fazer política sem eleição? A democracia se resume apenas ao voto? O EZLN reivindicava uma democracia que fosse além de seu conceito clássico quantitativo, como o “governo da maioria” o “governo de todos”. O “Já Basta” da rebelião zapatista significava também o desejo de não mais entregar as decisões que diziam respeito a nação inteira a uma pessoa ou conjunto seletivo de pessoas.

A Convenção Nacional Democrática (1994-1995), a Frente Zapatista de Libertação Nacional (1995-2005) e a Otra Campaña (2006-atualmente) foram iniciativas do movimento zapatista para criar uma força política baseada na pluralidade cultural, étnica e de ideias, na independência financeira e ideológica do Estado e de partidos a fim de mediante a cobertura armada do EZLN travar no campo político uma oposição ao governo fora das práticas políticas tradicionais. Pois: “Não haverá uma solução para a questão indígena se não houver uma transformação radical do pacto federativo nacional”. (Terceira Declaração de Selva Lacandona, Janeiro de 1995).

No México que amargava 70 anos de um regime de partido único, o Partido-Estado, o povo se viu sem uma opção que atendesse seus interesses. Para o senso comum as soluções para os problemas sociais não existem fora do sistema eleitoral e do Estado, de modo a serem rotuladas de utópicas, no sentido de irrealizáveis. A ideia de uma utopia, no entanto, pode possuir variadas significações. Norberto Bobbio discorre sobre: “Não é somente pensamento, e ainda menos fantasia, ou sonho para sonhar-se acordado; é uma ideologia que se realiza na ação de grupos sociais. Transcende a situação histórica enquanto orienta a conduta para elementos que a realidade presente não contém” (p. 1285, 1998). A utopia pode ser entendida como um projeto a ser construído. É uma oposição à realidade existente, almeja preservar e fortalecer o que a sociedade tem de melhor e substituir o que há de negativo. No caso mexicano, um contra-poder para fazer frente a hegemonia do PRI, horizontalidade, autonomia indígena e democracia direta.

O comunicado *Zapatistas: o que pensam e o que querem* (documento da Frente Zapatista de Libertação Nacional aprovado durante o Congresso de Fundação da FZLN realizado na Cidade do México, nos dias 13, 14, 15 e 16 de setembro de 1997), apresenta o projeto do movimento zapatista para uma nova nação e se baseia em seis eixos: Democracia, Justiça,

Liberdade, Independência, Nova Constituinte e Nova Constituição. Sobre a democracia afirmam lutar: “Pela democracia desde baixo, que agrupe tudo o que tem que a ver com uma nova reforma eleitoral, realmente democrática, começando por restituir a autonomia aos municípios, tanto indígenas como mestiços e que chegue até os elementos da democracia direta”. Os zapatistas propõem uma nova forma de gerir a vida política e social sob o princípio de igualdade para a participação de todos os mexicanos e também liberdade para preservar a autonomia de todas as minorias.

O projeto zapatista versa sobre a autonomia: “Promover a autogestão das comunidades para que sejam elas quem determinem e façam uso de seus próprios recursos naturais, baseados no conhecimento que se tem sobre eles e contemplando a capacidade dos ecossistemas que os suportam”. Denis Rosenfield define autonomia como a formulação de leis e outras decisões, mediante democracia direta ou representativa, que coincidem com os interesses daqueles à quem elas são destinadas. (p. 59, 2003). De modo que as decisões devem ser tomadas por todos os que serão afetados por elas, para tanto a democracia direta é o mais próximo de tal ideal. Além disso, os zapatistas se opunham ao Acordo de Livre-Comércio da América do Norte (NAFTA), porém seu projeto trata de uma cooperação comercial, sob a forma de um novo tratado “reformando-o sobre bases justas, em benefício social e não só das grandes empresas”. Ao propor a Convenção Nacional Democrática, na Segunda Declaração em junho de 1994, cuja primeira reunião ocorreu em agosto de 1994, algumas semanas antes da eleição, o EZLN se lançava a alterar de vez a estrutura de poder no México, que até então não encontrara adversário pelas vias eleitorais. Ainda assim o projeto zapatista não estava livre de conflitos internos, uma vez que até mesmo indígenas chiapanecos se opunham ao EZLN acusando-o de ter levado a guerra às suas comunidades e causando a militarização de Chiapas.

A harmonia com a sociedade civil residia em não apenas focar nas questões locais de Chiapas mas pensar em um projeto nacional. A primeira e a segunda declaração de Selva Lacandona citam o artigo 39 da constituição do México para justificar o levante armado: "A soberania nacional reside essencial e originalmente no povo. Todo poder público emana do povo e se institui em benefício dele. O povo tem, todo o tempo, o inalienável direito de alterar ou modificar a forma de seu governo". Durante as negociações foi exigido que pautas nacionais também fossem discutidas pelas partes.

Na Segunda Declaração (junho de 1994) é dada ênfase ao papel da sociedade civil, ela que com seu apoio à causa zapatista impediu um massacre dos rebeldes e convoca os mexicanos, de indígenas e camponeses à trabalhadores urbanos e intelectuais a tomarem parte da Convenção Nacional Democrática, cujo objetivo era ser uma porta-voz da vontade popular. No comunicado *Zapatistas: O que pensam e o que querem* é afirmado que o movimento zapatista “não pretende ser a vanguarda de uma classe específica, ou da sociedade em seu conjunto”.

Os rebeldes zapatistas vão afirmar que: “O Exército Zapatista de Libertação Nacional reconhecerá a Convenção Nacional Democrática como autêntico representante dos interesses do povo mexicano em sua transição para a democracia (...) O EZLN está presente em todo o território nacional e já tem condições de apresentar-se ao povo do México como exército capaz de garantir o cumprimento da vontade popular”. (Segunda Declaração de Selva Lacandona, junho de 1994). De modo que o EZLN se propôs a ser um contra-poder fazendo uso das armas para se opor ao monopólio estatal da força.

A proposta do EZLN era ser o braço forte que garantiria o cumprimento da vontade popular, organizada e expressada através da Convenção Nacional. Os zapatistas não detinham poder de fogo nem efetivo para vencer o Exército federal mexicano e certamente teriam sido dizimados não fosse o apoio massivo da sociedade civil. Esta aliança entre zapatistas, partidos de oposição, organizações não governamentais (ONG's), sindicatos, estudantes e outras organizações além do apoio internacional, jogou o governo contra a parede que não quis arriscar iniciar uma revolta de proporção nacional. A proposta zapatista de democracia direta acabou por se restringir às comunidades sob influência do movimento, não alcançando outras instâncias no México, mesmo com a saída do PRI do poder em 2000, com a eleição de Vicente Fox.

Porém, a representação pode, às vezes, se fazer necessária, mesmo nas novas formas de organização política propostas pelo movimento zapatista. Posteriormente aos anos 1990, as áreas ocupadas pelos zapatistas se tornaram os Municípios Autônomos, geridos pelas Juntas de Bom Governo, que são eleitas em assembleias populares. Estas juntas cumprem funções administrativas acerca da produção, da justiça, da educação, saúde e outros. As decisões de alcance coletivo são tomadas por meio da democracia direta. As Juntas de Bom Governo têm mandatos revogáveis à qualquer momento, caso um membro descumpra com as obrigações as quais se comprometeu. Assim estes cargos não detêm poderes deliberativos, mas sim de execução

das decisões coletivas. A representação também pode se fazer necessária em ocasiões de cunho político fora das comunidades.

Dentro dessa crítica ao Estado e a democracia representativa estão, além do levante zapatista, outros movimentos contestatórios, que eclodem naquela que Lucien Van der Walt chama de Quinta Onda do Anarquismo. Corresponde de 1990 ao tempo presente, sendo seu início período de generalização do neoliberalismo contraposto por movimentos globais de resistência anticapitalista, como a Ação Global dos Povos, a tática *black bloc*, protestos massivos contra a OMC, FMI, NAFTA, ALCA e o Banco Mundial. O EZLN não faz um recorte ideológico, haja vista todas as influências que vão do maoísmo à teologia da libertação, mais do que isso, a rejeição a rótulos se deve também a profundo afeição as crenças e raízes indígenas. A negação da propriedade privada, mas do que um manifesto de teorias econômicas da esquerda, guarda a presença da figura da “mãe-natureza”, a terra não pode ser vendida nem possuída, por ser a “mãe” de todos. Cabe colocar que há uma proximidade entre o zapatismo e o pensamento anarquista, especialmente latino-americano, que tem em Ricardo Flores Mágon, um de seus principais expoentes mexicanos. A negação do papel de vanguarda, autonomia, autodeterminação, democracia direta, são princípios que coadunam com os adotados por indivíduos e organizações anarquistas especificistas<sup>2</sup> e plataformistas<sup>3</sup>

Os zapatistas não almejavam ocupar o Estado, nem reformá-lo, acreditando que para uma transformação política, a mera troca de nomes no jogo eleitoral não resulta em mudanças concretas para os trabalhadores urbanos e rurais. O objetivo finalista dos zapatistas é a revolução social. Como afirma Mágon (2003, p.45) “uma revolução que não garanta ao povo o direito de viver é uma revolta de políticos, a quem devemos, nós, os deserdados dar as costas. Nós os pobres, necessitamos de uma revolução social e não de uma revolução política”. Após o apoio a Cuamotec Cardenas e sua derrota em seguida, o movimento zapatista em autocrítica viu que, de nada adianta substituir um governo por outro se o sistema não for transformado em suas bases

---

2 Especificismo: O especificismo é uma corrente do anarquismo construída no seio da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU) que influenciou organizações em toda a América Latina. Em linhas gerais defende a existência da organização política especificamente anarquista, mas separa a atuação política – dentro da organização – da social, ou seja, nos movimentos sociais, associações de bairro, coletivos autônomos, sindicatos e outros. A inserção social é um pilar para um de seus objetivos finalistas, a derrubada do Estado, sendo alcançado, após o acúmulo de forças e base popular.

3 Plataformismo: Outra corrente do anarquismo, que defende a organização anarquista na forma proposta pela Plataforma Organizacional para uma União Geral de Anarquistas, defendida por Nestor Makhno. A plataforma da autocrítica dos anarquistas russos após a Revolução de Outubro de 1917, que levou a ditadura bolchevique ao invés de um projeto libertário como queriam os anarquistas.

econômicas e culturais, para garantir as condições mínimas de existência, acesso ao conhecimento, sob um poder autogestionário. Até 1994 formaram-se grupos anarquistas de apoio a causa zapatista como o Conselho Indígena Popular de Oaxaca – Ricardo Flores Mágón (CIPO-RM) e a Alianza Magonista Zapatista.

Mais do que nunca, a palavra autogestão foi usada no contexto mexicano. Felipe Correa coloca autogestão no extremo oposto de dominação (citar Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo). É a participação das decisões e ações na medida que indivíduos e comunidades são afetadas por ela. O recorte de classe – quem tem direito ao voto são os pobres, os “deserdados” - e a participação ativa e direta das decisões é colocada como pilar fundamental das organizações propostas pelos zapatistas, entre elas, a Convenção Nacional Democrática.

O fim da experiência soviética significou um baque para toda a esquerda mundial. Num momento mais do que oportuno para a autocrítica frente aos trágicos exemplos de autoritarismo e violência intra-classe<sup>3</sup> (violência cometida entre membros da classe trabalhadora que ascenderam ao comando do Estado contra membros da mesma classe que permaneceram em condição de dominados), vem o movimento zapatista propondo uma outra forma de construir o caminho para a revolução. Em entrevista a Yvan Le Bot (1997), o Subcomandante Marcos, porta-voz do movimento, diz que o movimento socialista internacional (URSS, Cuba e outros) descrente em uma revolução socialista mexicana, negou-se a fornecer suporte (financeiro, armamento, técnico e treinamento) levando a guerrilha de Chiapas a se afastar da teoria do comunismo internacional, levando a criar uma doutrina própria, privilegiando a prática sobre a teoria.

A principal estrutura de comando do EZLN é o Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comando Geral (CCRI-CG). O EZLN é plural, tem em suas fileiras, camponeses, indígenas e um grupo urbano, branco, que saiu das universidades para a luta armada nas décadas de 1970, 1980. Este grupo urbano, foi responsável no início pelos discursos, por reunir os indígenas e camponeses em torno de um objetivo comum. Oferecendo-lhes não apenas teoria, mas armas. Com o levante de 1º de janeiro de 1994, o CCRI-CG passa a dirigir as funções militares dentro do movimento zapatistas. Aqui cabe uma observação no tocante de outra proximidade entre o neozapatismo e o anarquismo. Que se refere a organização armada está subordinada a organização política e de massas. A exemplo do que se passou na luta armada contra a ditadura militar uruguaia. A Organização Popular Revolucionária – 33 Orientales (OPR-

33) estava subordinada a Federação Anarquista Uruguiaia e sua atuação de massas, movimento sindical e estudantil, seja fornecendo recursos financeiros, seja provendo-lhes defesa.

É importante dizer que entre os indígenas chiapanecos não há opinião unânime acerca da atuação do EZLN. Enquanto alguns são simpáticos ao movimento, outros o criticam por ter levado a guerra e a militarização à Chiapas. Alguns veem o EZLN como uma proteção contra as *Guardas Blancas*, grupos paramilitares mantidos por grandes proprietários que perseguem os camponeses e indígenas. Vê-se na imprensa em geral representações maniqueístas do EZLN, tanto na crítica quanto à posições mais simpáticas ao movimento. O neozapatismo possui muitas contradições em suas comunidades. As relações de gênero, que se pensaria serem progressistas, permanecem em sua maioria relações de dominação de homens sobre mulheres. Estas eram minoria nos postos de comando do EZLN e sua atuação política era reduzida.

Outro problema que pode ter prejudicado uma participação maior da base do movimento é a suspeita de centralização das decisões em torno do grupo urbano e branco. Por reunir intelectuais, estudantes e professores saídos das universidades para a luta armada, é levantada a possibilidade do uso de sua influência na dinâmica da vida política chiapaneca, em benefício de suas pautas e não as do movimento. Marcos surge para suprir a necessidade de um mediador entre a cultura indígena chiapaneca e a cultura nacional e internacional. Marcos fala por e no lugar do movimento (HILSENBECK, p. 133).

## **2. A DEMOCRACIA LATINO-AMERICANA E A CRÍTICA ZAPATISTA**

A democracia do começo do século XX, tal como foi implantada na maioria dos países ditos democráticos no Ocidente, foi vista como a esperança de progresso social, humanista. Hoje, na segunda década XXI a democracia representativa encontra-se em crise. Crise política, acompanhada de crise econômica.

O que deu errado? Não há resposta única, muito menos simples para esta pergunta. No contexto latino-americano, marcado por violentas ditaduras que deixaram profundas marcas nas instituições e na vida política e, além disso, terem antecedentes históricos de exploração brutal de trabalhadores, escravidão, colonização, intervenção estrangeira, a democracia sempre pareceu mais um projeto, um sonho do que uma realidade. Pois o simples direito ao voto, que durante décadas foi negado aos negros, analfabetos e mulheres, não constitui de fato democracia. Aliás, é comum reduzir democracia ao processo eleitoral apenas.

A democracia muitas vezes também é reduzida a participação nas instâncias decisórias do Estado, os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A ideia de participação fica restrita aos órgãos que no senso comum pensa-se possuírem o “poder”. O poder político foi durante séculos atribuído principalmente ao Estado. Foucault nos apresentou uma nova compreensão do poder, demonstrando que em todas as relações sociais há relações de poder e que todo espaço é um espaço de poder (1995).

Assim, quando os zapatistas lançam a Convenção Nacional Democrática estão criando um “contra-poder”, uma nova força que fará oposição ao poder instituído. Não a oposição feita dentro do Estado, mais especificamente no legislativo, onde há um recorte ideológico, esquerda e direita, governo e oposição. Mas sim, uma oposição com recorte de classe, participaram da Convenção, os próprios zapatistas, militantes de partidos de esquerda, movimentos sociais autônomos, trabalhadores e estudantes. A proposta zapatista como expressa em sua Terceira Declaração de Selva Lacandona era criar uma instância de decisão revolucionária, onde o povo mexicano pudesse ditar os novos rumos de seu país sob a guarda armada do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Aqui vemos que, diante do princípio de não tomada do poder do Estado, o EZLN se põe como organização armada, subordinado a organização política do movimento zapatista que tem nas assembleias populares a principal forma de decisão das comunidades e cidades ocupadas pelo EZLN. As comissões formadas posteriormente aos conflitos de 1994, vindo a serem as Juntas de Bom Governo tem em seus membros, não simplesmente lideranças locais ou gestores, não deixam de ser, mas diferente do modelo estatal, não possuem poder de decisão, suas tarefas são delegadas nas assembleias. Um membro da Junta de Bom Governo ou a junta inteira pode ser cassado a qualquer momento, caso abuse de sua posição ou não cumpre as deliberações coletivas.

Dentro da proposta de uma nova ordem política e social lançada pelos zapatistas para o povo mexicano, está a questão da autonomia. Nos comunicados sempre há frases que fazem parte do ideário local, sendo que uma delas pode ajudar a entender o que os zapatistas entendem por autonomia: *luchamos por un mundo donde caiga muchos mundos*<sup>4</sup>. “Lutamos por um mundo onde caibam muitos mundos”, é uma tentativa de exprimir um sentimento compartilhada pelas comunidades tradicionais zapatistas. Os militantes do movimento se reconhecem como

---

4 Extraído do comunicado *Zapatistas: O que pensam e o que querem*. Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/zapatismo/01quepensam.htm>

mexicanos, usam a bandeira nacional, citam a constituição como base jurídica de suas reivindicações, mas ao mesmo tempo exigem reconhecimento e respeito às suas especificidades enquanto povo originário.

Não negam o México como sua pátria, mas também fazem a crítica histórica aos séculos de exploração, primeiro pelos espanhóis, depois pelos senhores locais e estrangeiros. Mesmo se reconhecendo como mexicanos, lembram que sua terra natal foi contraída sob o massacre de nativos perpetrado pelos primeiros europeus que ali chegaram, tendo na figura de Hernán Cortéz o principal símbolo da violência colonial, marcada pelo extermínio, o estupro e a escravização.

A autonomia reivindicada pelos zapatistas é o direito de que suas comunidades exerçam o controle sobre suas riquezas naturais, cujo uso deverá servir os interesses e necessidades da nação e não do capital estrangeiro. Reivindica o direito a decidirem e terem liberdade sobre sua vida social, política e religiosa, sem a interferência de um poder central. Exigem também o direito a terra, mas não apenas, querem também o acesso aos meios e recursos materiais e técnicos para que não repitam o êxodo rural de décadas anteriores.

Da mesma forma o movimento zapatista entende que poderá se dá a reorganização da vida nacional no México. Os zapatistas entendem que, decisões realmente alinhadas aos interesses do povo só podem ser tomadas pelo povo. Assim, como na proposta da Convenção Nacional Democrática, as instâncias deveriam ser compostas por trabalhadores do campo e da cidade, sob a guarda de seu braço armado o EZLN, para pois, não apenas dentro do próprio México existe ferrenha oposição ao neozapatismo, como as potências internacionais que enveredaram na exploração do território.

Como falado anteriormente, o movimento zapatista apoiou um candidato à presidência, mesmo com todas as ressalvas como demonstradas na citação, de que apesar de algumas propostas estarem alinhadas ao projeto zapatista, havia outras variáveis. Interesses partidários e econômicos se encontravam em disputa. O que é outro ponto a ser analisada se tratando da democracia tal como ela se dá na América Latina.

A democracia representativa no voto o seu principal elemento, o mais palpável pela maioria da população que se encontra distante das discussões que ocorrem nos prédios administrativos das capitais. Por mais que os projetos de um candidato reflitam os interesses e expectativas de seu eleitorado, ele, juntamente com todos os demais eleitos estarão inseridos em um sistema econômico altamente explorador. Cujas classe dominante usará de todos os meios para

impedir a realização de seus projetos e o atendimento de pautas populares que coloquem em risco sua posição privilegiada.

Mais grave do que a sabotagem pós-eleição é o “patrocínio” de um candidato – ou mesmo de todos – para que este posteriormente a sua eleição seja uma marionete das elites locais ou nacionais. O levante de 1994 teve como uma de suas faíscas a assinatura do Acordo de Livre-Comércio da América do Norte, onde os interesses americanos se sobressaíam aos da população mexicana.

Para as decisões gerais do movimento são feitas as consultas zapatistas – a exemplo da decisão do levante armado em 1994. O Comando Clandestino Revolucionário Indígena lança para as comunidades perguntas sobre temas que afetam todos os Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ). Das assembleias locais são levadas as posições de cada comunidade. De posse da opinião de todas CCRI pode tomar decisões que atendam ao máximo as demandas das comunidades chiapanecas.

O “Mandar obedecendo” é uma das bases fundamentais do projeto de democracia proposto pelos zapatistas. O subcomandante Marcos coloca que a verdadeira autoridade nasce do exemplo. Ao passo que os zapatistas negam a intenção de ser uma vanguarda revolucionária e almejam enquanto objetivo finalista a revolução, para que tenham ao seu lado o povo mexicano devem dar o exemplo, com novas formas de se relacionar com si, os outros e o meio. Ver-se na proposta zapatista uma ênfase forte no combate ao autoritarismo em todos os âmbitos da vida política e social, deste um recorte “macro”, o Estado, relações internacionais, economia nacional, até um recorte “micro”, relações intrafamiliares, por exemplo ainda muito marcadas pela tradicionalidade, com especial atenção às opressões de gênero.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentre as várias contribuições do movimento zapatista está a crítica à democracia representativa, guardadas as devidas ressalvas por ser um contexto diferente do brasileiro. A experiência zapatista não obteve a transformação da ordem política e social do México. Apesar disso, provocou um verdadeiro terremoto na vida política do país ao se lançar no enfrentamento direto contra o aparelho repressor do Estado e das milícias particulares dos latifundiários. Somado a negação de ser uma vanguarda a guiar o povo, tomando o poder estatal, mas, sim, propondo novas instâncias decisórias onde as camadas mais pobres da população pudessem ter

voz e voto de fato. A representação política, atualmente em crise, ganhou outro desenho graças as novas perspectivas mostradas pelos zapatistas em revolta contra o modelo vigente de poder, representação e democracia. É importante dizer que além das contribuições dos zapatistas para repensar as formas de se fazer política na América Latina, igualmente colaboraram para a autocrítica de organizações e movimentos sociais a repensarem suas práticas internas e de relação com outros no que tange as opressões de gênero, raça-etnia, sexualidade dentre outras.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AGAMBEM, Giorgio. Estado de Exceção. Boitempo. São Paulo. 2012.
- BOBBIO, Noberto. Democracia. p. 319-329. In: \_\_\_\_\_. Dicionário de Política. Editora UnB. Brasília. 1998.
- BOBBIO, Noberto. Utopia. p. 1284-1300. In: \_\_\_\_\_. Dicionário de Política. Editora UnB. Brasília. 1998.
- BRANCALEONE, Cassio. A experiência de autogoverno zapatista em questão. In: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.
- BUENROSTRO, Alejandro. As raízes do fenômeno Chiapas. Alfarrabio. São Paulo. 2002.
- BUSTOS, Rodolfo Bórquez. Revolução Mexicana. Expressão Popular. São Paulo. 2008.
- CORRÊA, Felipe. Rediscutindo o Anarquismo. USP. São Paulo. 2012.
- COSÍO, Daniel. El sistema político mexicano. Cuadernos de Joaquín Mortiz. México, 1974.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Paz e Terra. São Paulo. 2005.
- FRENTE ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. Zapatistas: o que pensam e o que querem. Cidade do México: FZLN, 1997. Documento da Frente Zapatista de Libertação Nacional aprovado durante o Congresso de Fundação da FZLN realizado na Cidade do México, nos dias 13, 14, 15 e 16 de setembro de 1997.
- GLASS, Verena. Zapatistas dissolvem Frente e partem para nova fase. Disponível em: <http://www.voltairenet.org/article131836.html>.
- HILSENBECK, Alexander Maximilian. Abaixo e à esquerda: Uma análise histórico-social da práxis do Exército Zapatista de Libertação Nacional. UNESP. Marília-SP. 2007.
- \_\_\_\_\_. Zapatismo: Entre a guerra de palavras e a guerra pela palavra. Disponível em: <http://www.passapalavra.info/2009/04/2677>
- \_\_\_\_\_.; CABRAL, Fátima. Algumas considerações sobre a relação do Exército Zapatista de Libertação Nacional com o Estado e a sociedade civil. Disponível em: <http://www.uel.br/grupopesquisa/gepal/segundosimposio/>
- HOLLOWAY, John. Mudar o Mundo sem tomar o Poder: O significado da revolução hoje. Viramundo. São Paulo. 2002.
- ROSENFELD, Denis. O que é Democracia. Brasiliense. São Paulo. 2003.
- SOUZA SANTOS, Boaventura. Para uma revolução democrática da justiça. Cortez. São Paulo. 2008.

## **FONTES**

Discurso do Subcomandante Marcos durante a visita de Cuauhtémoc Cárdenas , 17 de maio de 1994.

Segunda Declaração de Selva Lacandona, Junho de 1994.

Terceira Declaração de Selva Lacandona, Janeiro de 1995.